



ZOOLÓGICOS COMO DISSEMINADORES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Flávia Aparecida Salimena

Rogério de Oliveira; Geraldo Majela Moraes Salvio

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CESJF - flaviasalimena@hotmail.com

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CESJF - rogerbioces@hotmail.com

IF Sudeste MG Campus Barbacena - geraldo.majela@ifsudestemg.edu.br

INTRODUÇÃO

De acordo com Diegues e Pagani (2007), entre os objetivos dos zoológicos modernos estão a educação ambiental, a pesquisa, o lazer, a recepção, manutenção, reprodução e manejo de animais silvestres, principalmente os ameaçados de extinção. Estes espaços vêm evoluindo juntamente com as questões ambientais e atualmente podem ajudar na preservação de animais através de técnicas eficazes para a conservação da fauna e flora (COSTA, 2004). É através deles, que a educação ambiental pode ser aplicada com o intuito de atingir grande parte da população das mais diversas faixas etárias e níveis sociais (FERREIRA, *et al.*, 008), estimulando sentimentos como o de empatia, respeito e admiração pela vida silvestre, desenvolvendo uma ética de conservação, despertando a curiosidade e a preocupação com os animais, chamando a atenção para espécies em perigo de extinção, ampliando o interesse por problemas ambientais locais, além proporcionar um apoio a educação formal (ESCOBAR, 2000). No entanto, para atingir tais objetivos, é fundamental o desenvolvimento de atividades e técnicas que vão desde a organização geral dos zoológicos até a clareza nas informações disponíveis para o público (ESCOBAR, 2000).

OBJETIVOS

Verificar e discutir o desenvolvimento de programas de educação ambiental em dois Zoológicos brasileiros, a Fundação RioZoo (Instituição 1), na cidade do Rio de

Janeiro e a Fundação Zoobotânica (Instituição 2) na cidade de Belo Horizonte.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a avaliação dos programas de educação ambiental foram realizadas visitas às instituições e uma pesquisa bibliográfica que incluiu informações disponibilizadas pelos próprios zôos. As visitas ocorreram entre os meses de abril e maio sem agendamento com os setores de educação ambiental para que o trabalho não sofresse qualquer influência dos mesmos. Como forma de avaliar e discutir esses programas de educação ambiental, usamos o plano de educação ambiental apresentado por Escobar (2000), com algumas adaptações a fim de atender às necessidades da pesquisa. O trabalho foi dividido em três etapas. Na 1ª etapa houve a verificação dos recintos, onde avaliou-se o número de recintos, as informações apresentadas nas placas de identificação (nome do animal conforme as regras de nomenclatura, distribuição geográfica original, programas de enriquecimento ambiental, status de conservação, ameaças à espécie na natureza e a existência de programas de enriquecimento ambiental nos recintos). Na 2ª etapa verificamos a organização dos animais, a organização dos recintos (de acordo com a taxonomia, com a biogeografia, se são mistos ou não, ou possuem uma organização própria) e a existência de um centro permanente de educação ambiental. Por fim, na 3ª etapa analisamos os programas de educação ambiental e para que tipo de público esses estão direcionados.

RESULTADOS

Foram observados 174 recintos na Instituição 1 e 135 na Instituição 2. Verificamos que o maior número de animais expostos pertencem ao grupo dos mamíferos e aves; na Instituição 2 totalizam 98% dos animais e 94% na Instituição 1. Tal questão pode ser explicada pela maior afeição dos humanos a esses animais. A maior parte dos recintos possuíam placas de identificação, na Instituição 1 eram 89% e na Instituição 2 77%, porém parte dessas se encontravam em locais de difícil visualização ou com as informações apagadas, o que dificulta o entendimento por parte do visitante, de informações relevantes sobre a espécie avistada (NASCIMENTO & COSTA, 2002). O enriquecimento ambiental foi observado em 100% dos recintos de ambos os Zoológicos, o que permite ao visitante ter uma idéia de como é o ambiente natural do animal, além de possibilitar maior bem-estar a esses (SALVIO, 2000). Apenas a Instituição 1 apresentava um recinto informando o status de conservação da espécie na natureza e das ameaças a esta. Na Instituição 1 observamos que a distribuição dos animais é de acordo com o táxon, na Instituição 2 a maioria dos animais também se encontravam separados por táxons, entretanto, em dois setores os animais estavam distribuídos de forma geográfica, o setor de animais africanos e o setor de animais brasileiros, possibilitando despertar no visitante interesse pelo local de origem desses animais (GARCIA, 2008). Nas duas Instituições verificamos a existência de um centro de educação ambiental. Na Instituição 1, além do centro de educação ambiental, existem também as seguintes áreas de apoio, mini fazenda, a passarela da fauna, o aquário, painéis representativos, além do espaço "Os sentidos e o meio ambiente", local onde existem animais taxidermizados, e outros tipos de exposições podem ser vistas e manipuladas pelo visitante. O centro de Educação Ambiental da Instituição 2 não se encontrava aberto e também verificamos a existência de outras áreas de apoio, como a estufa da evolução, a estufa da mata atlântica, o jardim japonês, o viveiro de mudas, o aquário, o borboletário e a zooboteca. Além disso, nestas Instituições são desenvolvidos projetos e atividades de forma pontual e com públicos específicos (alunos de escolas com visitas pré-agendadas), que envolvem monitores, estagiários e funcionários, estes tem

os mais diferentes objetivos, mas todos se resumem em divulgar informações sobre o Reino Animal e Vegetal.

CONCLUSÃO

Para que a educação ambiental ocorra de forma efetiva em um Zoológico, é necessário a associação de diferentes ferramentas, entre estas, estão as condições estruturais do local, a preparação de pessoal capacitado e a qualidade nas informações a serem transmitidas. Podemos afirmar que as Instituições visitadas ainda estão longe de atingir seus objetivos no que se diz respeito à educação para o meio ambiente, mesmo reconhecendo todos os esforços direcionados para este fim. Por isso, é necessário dar mais atenção a essas Instituições, levando em consideração a importância que essas podem ter na formação de cidadãos interessados pelas causas ambientais.

REFERÊNCIAS

- COSTA, G. O. Educação ambiental: experiências dos zoológicos brasileiros. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Porto Alegre, RS, Revista Eletrônica de educação ambiental, 2009.
- DIEGUES, S. & PAGANI, M. I. O papel dos zoológicos paulistas na conservação ex-situ da diversidade biológica. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, Caxambu, MG. 2007.
- ESCOBAR, A. E. 2000. Plano de educação ambiental para Zoológicos. Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2000.
- FERREIRA, L. G.; FERREIRA, G. A.; REZENDE, C. N. V.; OLIVEIRA, I. A.; PIRES, M. G. P. A conservação da biodiversidade e sua relação com a educação ambiental. Instituto Conhecer, Goiânia, 2008.
- GARCIA, V. A. R. Mediação em zoológicos: um olhar sobre a experiência do Zôo de Sorocaba. FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2008, 144p.
- NASCIMENTO, S. S.; COSTA, C. B. Um final de semana no zoológico: um passeio educativo?. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte, 2002.
- SALVIO, G. M. M. Biogeografia Ecológica. Apostila ONG GBV, Além Paraíba, 2000, 150p.